



Candelaio

# HISTÓRIA DA ARTE

UMA SÍNTESE DA INDIVIDUAÇÃO  
NA MODERNIDADE (1300-1800)

PROF. DR. CLAUDINEI CÁSSIO DE REZENDE

# Candelaio

PROGRAMA DO CURSO

## HISTÓRIA DA ARTE UMA SÍNTESE DA INDIVIDUAÇÃO NA MODERNIDADE (1300-1800)

### DOCENTE

Prof. Dr. Claudinei Cássio de Rezende

Contato: [contato@candelaio.com.br](mailto:contato@candelaio.com.br) | [www.candelaio.com.br](http://www.candelaio.com.br)

### CARGA HORÁRIA

Curso remoto síncrono

32h | Quartas, das 19h às 21h,

de 12 de março a 25 de junho de 2025

### ÁREAS DO CONHECIMENTO

(1) História | História Moderna e Contemporânea (70503001)

(2) Artes | História da Arte (80301029)

(3) Letras | Teoria Literária (80205003)

## UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NA HISTÓRIA DA ARTE (EUROPA, 1300-1800)

**Individuação** – o processo pelo qual o indivíduo se torna cada vez mais autônomo em relação às ações do gênero, resultando numa personalidade conspícua, segundo a tese de Jacob Burckhardt (1818-1897) – e **estética** consubstanciam unidade particular na história da arte no Renascimento. Partindo da concepção de Agnes Heller (1929-), em *O Homem do Renascimento*, segundo a qual a consciência de que o homem é um ser histórico é um produto do desenvolvimento burguês, pode-se dizer que o surgimento da **individualidade artística** é um produto da História Moderna. Se não se pode dizer, por um lado, que não existiam artistas antes do Renascimento; por outro, é patente que a ampla concorrência entre os indivíduos no nascente mundo burguês modifica o estatuto social de artífice ou de artesão para **artista**.

O exemplo de como as utopias do Renascimento – de Thomas Morus (1478-1535) a Tommaso Campanella (1568-1639) – simbolizavam naquela altura um passo progressivo nas concepções de liberdade social deixa patente que o desenvolvimento humano-genérico é um processo histórico acumulativo, apesar de não linear. Ainda assim, há um nítido ponto de guinada no âmbito artístico e filosófico no nascimento do indivíduo burguês. Esta é a razão pela qual este curso tem como tema central o estudo da história social da arte e da literatura com seus desdobramentos estéticos partindo deste recorte histórico e geográfico: o Renascimento europeu.

O momento transitório da arte românica e bizantina para a gótica tem uma inflexão importante com o naturalismo do *Trecento*, especialmente com Giotto di Bondone (1267-1337), que, partindo da imitação da natureza, supera a lógica da reprodução do cânone iconográfico. Dá-se início a uma longa e progressiva jornada do naturalismo, que será a tônica das pinturas no Renascimento Flamengo e de todo o *Quattrocento* latino. Este também é o momento em que se principiam de modo mais proeminente a arte secular – a mais antiga coleção pictórica secular a chegar aos dias atuais, vale notar – e o naturalismo na arte eclesiástica. Exemplos abundam no mundo latino, como se observa de Antonio Pisanello (1395-1455) a Domenico Ghirlandaio (1449-1494). Jan van Eyck (c. 1390-1441),

que desenvolve a técnica da tinta a óleo no mundo flamengo, é um exímio retratista, inaugurador da pintura de retrato de corpo inteiro e de interiores; notado por Burckhardt como o primeiro grande naturalista a representar os animais, sua arte também é um registro dos costumes de uma época, marcando o início da pintura da vida burguesa, que abandona a exclusividade das pinturas palacianas ou sacras num inescapável processo de secularização da pintura.

Arnold Hauser (1892-1978) nota que as principais novidades estéticas em relação à espacialidade pictórica ocorrem por responsabilidade de Jan van Eyck e da escola flamenga do Renascimento, que segue, dentre outros, com Rogier van der (1400-1464), Petrus Christus (c. 1410-1475) e Hugo van der Goes (c. 1440-1482); este último, com seu *Tríptico Portinari*, influenciou toda uma geração artística na Itália, de Piero di Cosimo (1462-1522) a Leonardo da Vinci (1452-1519). Antonello da Messina (1430-1479), que viaja em busca do aprendizado da escola flamenga, percorre Veneza, em 1473, levando a técnica do óleo para o mundo latino – que se expressará em Veneza com Giovanni Bellini (c. 1430-1516).

A arte do final do *Quattrocento* se converte num grande estudo científico da natureza. O historiador italiano Eugenio Garin (1909-2004) analisa a importância dos tratados sobre pintura do Renascimento, em particular, o de Leonardo e seu vínculo com *Da pintura*, de Leon Alberti (1400-1472). O fenômeno do classicismo da Alta Renascença a partir do impacto filosófico da escola neoplatônica de Marsílio Ficino (1433-1499) dá origem a uma concepção artística que visa a luta deliberada contra a visão de mundo anterior. Isso significa um deliberado ataque à escolástica, que funcionava inclusive nos preceitos cosmológicos e astronômicos, dando possibilidade concreta para a ulterior revolução copernicana. Juntamente com Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), com Angelo Poliziano (1454-1494) e com Maquiavel (1469-1527), Ficino comporá o grande sistema filosófico do Renascimento – cujos patronos, a Casa Medici, controlam da República Florentina ao Vaticano. Vale notar que na primeira década do *cinquecento*, no papado de Júlio II, Roma passa a ser o esplendor artístico, e em menos de uma geração passará de oito a mais de cem pintores residentes na Academia de São Lucas. Naquela altura, a arte tinha como característica a estética da *kalokagathia*, a representação do belo virtuoso ou sublime, uma atitude idealista puramente contemplativa diante do mundo, e, como toda filosofia que se apoia em ideias puras

como únicos princípios terminantemente válidos, implicava uma renúncia às coisas da “realidade comum”. Isso ocorre devido à dependência estética que os pintores e escultores tiveram em relação aos humanistas nessa trajetória em direção a um estatuto social diferenciado.

O Renascimento Florentino produziu artes não-populares e destinadas ao círculo humanista neoplatônico, à *intelligentsia* latina, de sorte que as massas jamais tomariam consciência da existência destas obras. Rafael (1483-1520) consubstanciará o grande espírito artístico deste tempo; assim como a primeira fase de Michelangelo (1475-1564) e parte importante da vida de Leonardo – que não se vincula diretamente com o neoplatonismo, razão pela qual Lorenzo, o Magnífico (1440-1492) o pretere, fazendo-o partir em direção do mecenato de Ludovico de Sforza, o Mouro (1452-1508), em Milão. Essa também é a fase que marca o início da independência do artista em relação à guilda, o que gerará uma ruptura no estatuto social do artista. Tal atitude também modifica a antiga relação mestre e aprendiz, e os artistas passam a receber as comitências particulares. Não é sem motivos que o Renascimento será a era das biografias, expressa no fato de que Filippo Brunelleschi (1377-1446) é possivelmente o primeiro artista a ter sua vida escrita por um contemporâneo – a distinção se limitava a príncipes, a heróis ou a hagiografias. *Le Vite* de Giorgio Vasari (1511-1574), cuja primeira edição é de 1550, por sua vez, é um monumento de representação biográfica de pintores, arquitetos e escultores e, também nesta ocasião, a demonstração de uma nova forma estatutária social artística, cuja demarcação do primeiro grande artista moderno pela forma e autonomia artísticas recai sobre Michelangelo.

As mortes de Rafael e de Leonardo, o Saque de Roma de 6 de maio de 1527 – quando Carlos V de Habsburgo faz do Vaticano um quartel general, derrotando a Liga de Cognac –, bem como os cismas religiosos desta geração são responsáveis pelo esgotamento do classicismo. Para Hauser, a ideia de que a arte do Renascimento é universal não pode fazer mais sentido do que dizer que toda universalidade artística é tão condicionada pelo tempo, tão limitada e transitória, com suas próprias normas de valor e seus critérios de beleza, quanto a arte de qualquer outro período histórico. O classicismo é produto histórico de duas décadas – e sua esfera de influências foi grande o bastante ao ponto de que o mundo contemporâneo construiu sua cosmovisão acerca do Renascimento

a partir das posições iluministas do século 18 sobre o classicismo da Alta Renascença. A brevidade deste período classicista, contudo, é a brevidade típica de todos os movimentos que tentaram um classicismo em épocas modernas: não passam de episódios efêmeros, de transplantes de realidades exógenas para um momento ulterior muito mais dinâmico.

Aquela longa jornada do naturalismo é interrompida pelo maneirismo, um movimento internacional que se manifesta na crise da Renascença. A princípio, a *maniera grande*, terminologia que acabou sendo utilizada por Vasari para destacar o movimento artístico – a partir de cartas trocadas entre Michelangelo e Sebastiano del Piombo (1485-1547) em 1533 – é uma referência ao modo pelo qual Michelangelo, entre 1536 e 1541, caracterizou todas as contorções anatômicas possíveis em seu *Juíço Final*, tendo a inspiração na parúsia e em Dante (1265-1321). Mas com a restauração da cavalaria e da Inquisição, sobretudo com a contrarreforma de Paulo III, propulsor do Concílio de Trento (1545-1563), o decoro passará a repudiar tanto os nus como as formas distorcidas típicas da intensa sensualística maneirista. Razão pela qual o historiador da arte Giovanni Bellori (1613-1696) classifica o maneirismo como um movimento de decadência moral e artística, noutras palavras, um movimento *amaneirado*, afetado. Podemos dizer seguramente que o maneirismo é uma redescoberta dos historiadores Walter Friedländer (1873-1966) e Arnold Hauser. Este faz a tese monográfica mais importante, recompondo a cena histórica do maneirismo como um movimento hermético e consciente, com uma novidade claramente moderna: a arte se liberta da tentativa de mimetização da natureza.

A heterogeneidade do maneirismo não é suficiente para a indefinição estilística do movimento, pois a sua marca é a decomposição deliberada do naturalismo. Na Itália, a sua forma está vinculada à parte da obra do último Michelangelo e à sequência artística veneziana de Tiziano (1488-1576), Tintoretto (1518-1594) e El Greco (1541-1614), passando por outras figuras, a exemplo de Agnolo Bronzino (1503-1572), em Florença, e da escola bolonhesa, que já estava a dar uma guinada ao barroco, como se vê em parte importante dos trabalhos da pintora Lavinia Fontana (1552-1614). Na Europa Ocidental, onde não existiu a arte neoplatônica, seus exemplos são numerosos, passando de Quentin Matsys (1466-1530) e Pieter Bruegel, o velho (c. 1525- 1569). Não obstante, nesses casos

não se pode afirmar a existência de um movimento contra o classicismo, de sorte que há controvérsia sobre a definição do movimento artístico destes pintores.

Pode-se dizer sobre uma literatura maneirista, que surge com *Lazarillo de Tormes* (c. 1554) e se desenvolve com o nascimento do gênero do romance, cuja primeira grande expressão é Miguel de Cervantes (1547-1616). Ludovico Ariosto (1474-1533) simbolizou a poesia épica da cavalaria num momento imediatamente anterior, respaldando os motivos temáticos cervantinos. Shakespeare (1564-1616), por sua vez, também aborda a questão da cavalaria com olhos de superação, mas seus personagens são ainda bastante vinculados à missão histórica épica.

O maneirismo é um movimento que perdura em torno de duas gerações artísticas, especialmente porque após o Concílio de Trento a Igreja passa a arbitrar os motivos estilísticos, dando origem ao primeiro movimento moderno de propaganda artística: o barroco.

No barroco teremos a imposição da arte como assunto teológico. Exemplos abundam, da censura do *Juíço Final* de Michelangelo, que só não fora destruído por Clemente VIII – ou antes mesmo por Paulo IV – graças a uma petição enviada ao Vaticano remetida pela Academia de São Lucas; à condenação de Paolo Veronese (1528-1588) no Tribunal do Santo Ofício por ter adicionado em seu *Ceia na casa de Levi* uma série de motivos arbitrários à narração bíblica. Mas é também no barroco que surge o naturalismo realista de Caravaggio (1571-1610), cuja representação artística atinge um virtuosismo jamais observado até então. Seu intenso naturalismo popular, contudo, não fora bem apreciado pelo decoro, mas deixou uma gama de seguidores na técnica tenebrista, incluindo a pintora Artemisia Gentileschi (1593-1656). A marca evidente do barroco é o regresso ao naturalismo; não obstante, tal regresso não implicou o retorno ao ideal estético matemático e sem expressão dramática da Renascença, mas deu sequência à forma agregada do intenso sensualismo estético expressionista do maneirismo. Neste movimento temos Rubens (1577-1640) e Velázquez (1599-1660), o exímio retratista espanhol, inaugurador de um realismo pictórico na Espanha.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e as lutas de independência holandesa, conflitos ligados à Reforma Protestante; a violência persecutória de Filipe II; e a situação marítima privilegiada de Amsterdã fazem surgir um barroco secular idiossincrático na

Holanda: desenvolve-se numa forma de virtuosismo técnico impressionante, sem mecenato religioso, fazendo com que os artistas estivessem jogados livremente às suas próprias sortes no mercado. A forma da pintura é alterada, elevando a pintura íntima de cavalete como a predominante, em substituição às grandes telas ou afrescos do período palaciano. E o motivo disso é evidente: a chegada do capital, que altera a lógica da pintura, criando um mercado de artes para as camadas populares, e a independência em relação a uma arte sacra. Todos os pintores passam a uma nova dependência ainda mais instável: o mercado. E é por meio de um *marchand*, figura de mediação entre o pintor e o comitente que modifica o estatuto social do artista, que isso ocorrerá. Aqui, então, nasce uma das características da arte moderna que perdura até os nossos tempos. É sintomático que este processo simultâneo da chegada do capital na Holanda e do depauperamento das guildas, que continuam a existir sem cumprir função orgânica no conjunto artístico, levará ao colapso financeiro e à proletarização dos maiores nomes da pintura da Era de Ouro Holandesa, sem poupar Rembrandt (1606-1669), Judith Leyster (1609-1660), Hobbema (1638-1709), Jan Steen (1626-1679), Vermeer (1632-1675) e Frans Hals (c. 1580-1666). Note-se que muitos deles não tinham a pintura como sua profissão de sustento, mas como uma segunda ocupação. O caso de Rembrandt é ainda mais emblemático por ser o primeiro grande artista a ser rejeitado por causa do mercado artístico que começa a dar uma guinada a um academicismo classicista, resultado da modificação do gosto surgida no Absolutismo francês. *Claudio Civilis*, obra composta para o paço de Amsterdã, é a marca mais explícita deste processo, porque Rembrandt expôs o estilo pátrio de modo vanguardista em sua técnica, sem, contudo, deixar de referenciar a imagem de grupo e de celebração como as marcas batavas mais expressivas daquela geração.

O Absolutismo impõe um entrave à livre criação artística, com o monopólio da instrução, e exige uma rigorosa uniformidade da representação como princípio formal nos estilos pictóricos, de tal modo que a arte entra em sua fase das pinturas heroicas como produto das limitações impostas pelo processo francês da Academia Real – especialmente com Charles Le Brun (1619-1690) –, que atinge também Roma, e, de algum modo, todo o centro das grandes artes. Na contracorrente, com o esgotamento do reinado de Luís XIV, a arte se apresenta nas determinações domésticas do Rococó, uma arte

decorativa sem a pretensão de causar intensa comoção, como se vê nas pinturas de François Boucher (1703-1770) e Jean Baptiste Greuze (1725-1805), e agregando alguns pintores no estilo *fête galante*, de Antoine Watteau (1684-1721) – segundo Hauser, o melhor produto desta geração e predecessor temático do romantismo.

O neoclassicismo de Jacques-Louis David (1748-1825) compõe um movimento revolucionário, diferentemente do conservadorismo que sempre qualificou as correntes classicistas. David funda a mais importante escola artística desde Rafael, e seu neoclassicismo inspirado em Joseph-Marie Vien (1716-1809) não é meramente formal como o deste último, o classicismo de moda por causa da era das grandes escavações arqueológicas: é um classicismo militante político que faz a reivindicação da República na figura de seu *pai romano*. Tal situação marca a última fase artística de uma burguesia progressista e revolucionária.

Eugène Delacroix (1798-1863) é o primeiro grande representante da pintura romântica e um dos responsáveis por suplantá-la pelo realismo revolucionário, já representando inteiramente o homem do século 19, enquanto o romantismo é essencialmente um movimento do espírito do século 18. Caspar David Friedrich (1774-1840), na Alemanha, nasce no espírito do tempo romântico e reproduz muito bem esta atmosfera em suas pinturas. William Turner (1775-1851) e Francisco Goya (1746-1828) são, em partes, românticos, especialmente em referência ao simbolismo das cores; contudo, extrapolam a visão romântica de mundo, sendo transgressores em seu tempo; Turner, por sua vez, pode ser considerado um inaugurador da pintura de vanguarda. Esta é a característica que debuta uma crítica introspectiva da modernidade, aliás, como apresenta György Lukács (1885-1971): uma desilusão dos indivíduos frente à modernidade, que pode ser expressa mais diretamente como a inadequação que nasce do fato de a alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos da vida moderna são capazes de oferecer. A obra de Goethe (1749-1832) como expressão da tragédia burguesa do desenvolvimentismo, presente na tese de Marshall Berman (1940-2013), é a última reflexão oferecida por este curso, remontando a ideia da cosmovisão da pansofia do Renascimento diante da referência ao Fausto histórico (c. 1470-c.1540).

## **ESTRUTURA DIDÁTICA**

### **AULA 1 | 12/03/2025**

A historiografia da arte do Renascimento: uma era de biografias.

### **AULA 2 | 19/03/2025**

O naturalismo: o que o Renascimento deve ao Mundo Antigo.

### **AULA 3 | 26/03/2025**

O *quattrocento* florentino: Leonardo o impulso da ciência.

### **AULA 4 | 02/04/2025**

O classicismo da Alta Renascença e o neoplatonismo de Rafael.

### **AULA 5 | 09/04/2025**

No torso de Michelangelo.

### **AULA 6 | 16/04/2025**

O Renascimento idílico e rebelde de Hieronymus Bosch.

### **AULA 7 | 23/04/2025**

O maneirismo e a crise da Renascença.

### **AULA 8 | 30/04/2025**

A aparição do romance cervantino e a derrota da cavalaria.

### **AULA 9 | 07/05/2025**

O barroco católico e Caravaggio.

### **AULA 10 | 14/05/2025**

Rubens e o barroco na era da Guerra dos Trinta Anos.

### **AULA 11 | 21/05/2025**

O realismo espanhol de Velázquez.

### **AULA 12 | 28/05/2025**

Rembrandt e o mercado de arte holandês.

### **AULA 13 | 04/06/2025**

Johannes Vermeer e a era das falsificações.

### **AULA 14 | 11/06/2025**

Neoclassicismo e Revolução Francesa: Jacques-Louis David.

### **AULA 15 | 18/06/2025**

O romantismo e a individualidade burguesa.

### **AULA 16 | 25/06/2025**

Fausto, uma tragédia da vida moderna.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Leon Battista. *Da pintura*. Tradução de Antonio Silveira Mendonça. 4ª ed. Revisada. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. Bilingue. São Paulo: Editora 34, 2000.
- ANDERSON, Perry. *Linhas do Estado Absolutista*. Tradução de Renato Prelourentzou. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- ARASSE, Daniel. *Nada se vê. Seis ensaios sobre pintura*. Tradução de Camila Boldrini e Daniel Lüthmann. São Paulo: editora 34, 2019.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. Tradução de Denise Bottman e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Capítulo 1. Clássico e Romântico).
- ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. Tradução de Margarida Periquito. Amadora: Editora Cavalo de Ferro, 2007.
- ARISTOTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- ARRIETA, José Angél Ascunce. *O historiador Cide Hamete Benengeli ou a tragicomédia do primeiro autor*. Tradução de Silvia Massimini. Revista da USP, São Paulo, n. 67, p. 270-281. set/nov 2005.
- AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental*. Filologia e crítica. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007. (Capítulos 4 “Os apelos ao Leitor em Dante” e 14 “Vico e o historicismo estético”, p. 111-132 e 341-356).
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. (Capítulo 14 “A Dulcineia encantada”, p. 299-320).
- AUERBACH, Erich. *A novela no início do Renascimento. Itália e França*. Tradução de Tércio Redondo. Coord. Leopoldo Weizbort. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BAGLIONE, Giovanni. *Le vite de' pittori, scultori ed architetti dal pontificato di Gregorio XIII del 1572 infino a' tempo di papa Urbano VIII nel 1642*. Roma. Ed. V. Mariani, 1935.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

- BARON, Hans. *The Crisis of the Early Italian Renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*. Princeton University Press, 1955.
- BELLORI, Giovan. *Le vite de' pittori, scultori ed architetti moderni*. Introdução de G. Previtali. Turim: Ed. E. Borea, 1979.
- BENJAMIN, Walter. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. Tradução Mônica Krausz Bornebusch, Irene Avon e Sidney Camargo. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 5ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (Capítulo 1 “O Fausto de Goethe” p. 37-84).
- BOCKEMÜHL, Michael. *Rembrandt*. Colônia: Taschen, 1993.
- BORCHERT, Till-Holger. *Jan van Eyck*. Tradução de João Bernardo Boléo. Taschen: Köln (Colônia, Alemanha), 2010.
- BUONARROTI, Michelangelo. *Cartas escolhidas*. Prefácio, seleção, tradução e notas de Maria Berbara. Campinas e São Paulo: Editora da Unicamp e Editora da Unifesp, 2009.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURCKHARDT, Jacob. *O retrato na pintura italiana do Renascimento*. Organização, tradução e apresentação de Cássio Fernandes. São Paulo: Editora Unifesp e Editora Unicamp, 2012.
- BURKE, Peter. *O que é história Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800*. Edição de Bolso. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BURKE, Peter. *O polímata*. Tradução de Renato Prelorentzou. Editora Unesp. São Paulo: 2020.
- CAMESASCA, Ettore. *Tutta la pittura di Raffaello. I quadri*. Milão, 1962.
- CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. Tradução, estudo e notas de Carlos Berriel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

- CANAVAGGIO, J. *Cervantes*. Tradução Rubia Prates Goldoni. São Paulo: Editora 34, 2005.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3. ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008.
- CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*. Tradução do alemão de João Azenha Jr., e tradução do grego e do latim de Mario E Viaro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenário. São Paulo: Real Academia Espanhola, Alfaguara, 2004.
- CHASIN, Ibaney. “O Homem da Renascença: indivíduo que se infinitiza”. In *Música Serva D’Alma: Claudio Monteverdi, ad voce umanissima*. São Paulo: Perspectiva, 2009. (p. 357-436).
- CONDIVI, Ascanio. *A vida de Michelangelo Buonarroti*. Tradução comentada de Marina Jorge Berriel: dissertação de mestrado da Unicamp, Campinas, 2008.
- DA VINCI, Leonardo. *Sátiras, Fábulas, Aforismos e Profecias*. Tradução de Rejane Bernal Ventura. São Paulo: Hedra, 2010.
- DA VINCI, Leonardo. *Tratado de Pintura*. Traducción, prólogo y notas de David García López. Madrid: Alianza editorial, 2013.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente. 1300-1800*. Tradução Maria Lúcia Machado. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DELUMEAU, Jean. *O Mistério Campanella: a vida de um dos maiores filósofos da Renascença*. São Paulo: Madras, 2011.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2021.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo. História da arte e anacronismo das imagens*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- ECO, Umberto (org.). *História da feiúra*. Tradução de Eliana Aguiar. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. (“A feiúra da mulher entre a Antiguidade e o Barroco” e “O Diabo no mundo moderno”, p. 159-239).
- ECO, Umberto (org.). *História da beleza*. Tradução de Eliana Aguiar. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Volume 1. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Tradução de Ruy Jugmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- ERASMO. *Elogio da Loucura*. Tradução de Elaine Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.
- FERRY, Luc. *Homo Aestheticus. A invenção do gosto na Era Democrática*. Tradução de Eliana Maria de Melo Sousa. São Paulo: Editora Ensaio, 1994. (Capítulo 1 “A revolução do gosto”. p. 22-55).
- FISCHER, Stefan. *El Bosco: la obra completa*. Colônia: Taschen, 2016.
- FLEXA RIBEIRO, Carlos. *Velázquez e o realismo*. São Paulo: Grua, 2017.
- FLEXA RIBEIRO, José. *Rubens e os flamengos*. São Paulo: Grua, 2017.
- FLORIDO, Janice (coord.). MARQUES, L., MIGLIACCIO, L. (et.al.) *Catálogo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand*. São Paulo: Prêmio Editorial, 2008.
- FRIEDLÄNDER, Max Jakob. *Early Netherlandish Painting*. vol. VII. Leiden and Brussels, 1972.
- GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento Italiano*. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- GARIN, Eugenio. *Giovanni Pico della Mirandola: vita e dottrina*. Florença: Le Monnier, 1937.
- GARIN, Eugenio. *Lo Zodiaco della vita: la polemica sull'astrologia dal Trecento al Cinquecento*. Bari: Laterza, 1976.
- GINZBURG, Carlo. “David, Marat. Arte, Política e Religião” in *Medo, reverência, terror. Quatro ensaios de iconografia política*. Tradução de Federico Carotti, Joana Angélica d'Avila Melo, Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna. Decifrando o Sabá*. Tradução Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GIOVIO, Paolo. *Historiarum sui temporis*. Istituto poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato, 1957.

- GOODY, Jack. *Renascimentos: um ou muitos*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GUICCIARDINI, Francesco. *Storia d'Italia: dal 1490 al 1534*. Canadá: E-Text, 2018.
- GOETHE, J. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.
- GOETHE, J. *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. Ilustrações de Eugène Delacroix. São Paulo: Editora 34, 2004.
- GOETHE, J. *Fausto Zero*. Tradução de Cristina Röhrig. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001.
- GOETHE, J. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. Apresentação de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de G. Lukács. Editora 34: São Paulo, 2006.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A História da Arte*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2018.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Parte V – Renascença, Maneirismo e Barroco e Parte VI – Rococó, Classicismo, Romantismo. p. 273-726).
- HAUSER, Arnold. *Maneirismo: a crise da Renascença e o surgimento da arte moderna*. 2ª ed. Tradução de J. Guinsburg e Magda França. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- HEGEL, Georg W. F. “A forma de arte romântica”. In *Cursos de Estética II*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2014. (p. 249-346).
- HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Tradução de Augusto Abelaira. 2ª edição. São Paulo: Editora Ulisseia, 1985.
- JAEGER, Werner. *Paideia*. Tradução de Artur M. Pereira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- Lazarillo de Tormes*. Edição Medina de Campo, 1554. Organização, edição e notas de Mario González. Tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. Revisão da Tradução de Valéria de Marco. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

- LICHTENSTEIN, Jacqueline (direção geral). *A Pintura. Textos Essenciais. Vol. 12: O artista, a formação e a questão social.* Tradução de Magnólia Costa. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contracorrente da modernidade.* Tradução de Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015. (Capítulo 1 – “O que é romantismo? Uma tentativa de redefinição”. p. 19-82).
- LUKÁCS, György. *A alma e as formas.* Tradução de Rainer Patriota. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015. (“Sobre a filosofia romântica da vida: Novalis” e “Burguesia e *l'art pour l'art*”: Theodor Storm”. p. 83-128).
- LUKÁCS, György “O romance como epopeia burguesa”. In \_\_\_\_\_. *Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967).* Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (p. 193-243).
- LUKÁCS, György. *O romance histórico.* Tradução de Rubens Enderle. Apresentação de Arlenice Almeida. São Paulo: Boitempo, 2011.
- LUKÁCS, György. “A estética de Hegel”. In \_\_\_\_\_. *Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967).* Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (p. 43-86).
- LUKÁCS, György “Problemas do Realismo”. (ensaios: Narrar e Descrever / Arte livre ou dirigida?) In *Marxismo e teoria da literatura.* Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LUKÁCS, György *A teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.* 2ª ed. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LUKÁCS, György. *Goethe e seu tempo.* Tradução de Nelio Schneider e Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo, 2021.
- LUKÁCS, György. *Estudos sobre Fausto.* Tradução de Nelio Schneider e Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo, 2024.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens.* Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAQUIAVEL, N. *História de Florença.* Edição de Patrícia Fontoura Aranovich. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARLOWE, C. *A História Trágica do Doutor Fausto.* Tradução e Notas de A. de Oliveira Cabral. São Paulo: Hedra, 2011.

- MAZARIN, Jules [Cardeal Mazarin]. *Breviário dos políticos*. 3ª ed. Apresentação de Bolívar Lamounier. Prefácio de Umberto Eco. Tradução de Paulo Neves. Editora 34: São Paulo, 2013.
- MAZZARI, Marcus V. *Labirintos da Aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MAZZARI, Marcus V. *A dupla noite das tília*s. História e natureza no Fausto de Goethe. São Paulo: Editora 34, 2019.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Os portões do Éden. Igualitarismo, política e estado nas origens do pensamento moderno*. São Paulo: Boitempo, 2019, pp. 264-324.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Edição Bilingue. Tradução, posfácio e notas de Daniel Jonas. Apresentação de Harold Bloom. Ilustração de Gustave Doré. São Paulo: Editora 34, 2015.
- MOLIÈRE. *Don Juan*. Tradução de Celina Diaféria. São Paulo: Hedra, 2010.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. Tradução de Leandro Dorval Cardoso. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- PALOMINO, Antonio. *Vida de Don Diego Velázquez de Silva*. Madri: Akal Ediciones, 2008.
- PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PANOFSKY, Erwin. *Idea. A evolução do conceito de belo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. [Oratio de hominis dignitate]. Edição bilingue. Tradução de Elaine Cristine Sartorelli. Veneza: Âyiné, 2021.
- RAFAEL. *Cartas sobre Arquitetura*. Organização e tradução de Luciano Migliaccio. Campinas e São Paulo: Editora da Unicamp e Editora da Unifesp, 2010.
- RABELAIS, François. *Pantagruel e Gargântua*. Obras Completas de Rabelais Volume 1. Organização, tradução, apresentação e notas de Guilherme Gontijo Flores, com ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Editora 34, 2021.

- REZENDE, Claudinei C. *A renascença e a nova individuação: a substância das formas artísticas e das narrativas historiográficas na Era Moderna*. in: Cerrados. Revista do Programa de pós-graduação em Literatura da UnB. Ano 29. N. 52. Maio de 2020.
- ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SCHAMA, Simon. *O poder da arte*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SCHÜTZE, Sebastian. *Caravaggio*. Colônia: Taschen, 2009.
- SHAKESPEARE, William. “Romeu e Julieta”; “Hamlet”; “O mercador de Veneza”. In *Tragédias vol. 1. e Comédias - Sonetos vol. 2*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- TEDESCO, Cristine. *Artemisia Gentileschi: trajetória biográfica e representações do feminino (1593-1654)*. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- VASARI, Giorgio. *A vida dos artistas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- VASARI, Giorgio. *A vida de Michelangelo Buonarroti*. Tradução, introdução e comentário de Luiz Marques. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- VEDDA, Miguel. *Leer a Goethe*. Buenos Aires: Quadrata, 2015.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *A arte sem história - mulheres artistas (séculos XVI a XVIII)*. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, nº 4, 2005, pp. 205-242.
- WARBURG, Aby. “A posição do artista nórdico e do artista meridional a respeito do tema das imagens.” In *A Presença do Antigo. Escritos Inéditos – volume 1*. Introdução, organização e tradução de Cássio Fernandes. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- WARBURG, Aby. “O ingresso do estilo ideal antiquizante na pintura do primeiro renascimento.” In *A Presença do Antigo. Escritos Inéditos – volume 1*. Introdução, organização e tradução de Cássio Fernandes. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

- WARBURG, Aby. “O Antigo Romano na oficina de Ghirlandaio.” In *A Presença do Antigo. Escritos Inéditos – volume 1*. Introdução, organização e tradução de Cássio Fernandes. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- WATT, Ian. *Os mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- WYNNE, Frank. *Eu fui Vermeer*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WOLF, Norbert. *Romantismo*. Tradução de Isabel Falcão. Lisboa: Taschen, 2008.
- WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da História da Arte*. Tradução de João Azenha Júnior. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco. Estudo sobre a essência do estilo Barroco e sua origem na Itália*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros e Antonio Steffen. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ZÖLLNER, Frank. *Leonardo Da Vinci. The complete paintings and Drawings*. Colônia: Taschen, 2015.
- ZÖLLNER, Frank. & THOENES, Christof. *Miguel Ângelo: a obra integral de pintura, escultura e arquitetura*. Colônia: Taschen, 2017.
- ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.